

# UM SILÊNCIO ENSURDECEDOR

A propósito do espetáculo/exposição “A Última Gravação de Krapp”, de Samuel Becket, criado por Robert Wilson. (1)

## Fernando Rios

Talvez meus melhores anos já tenham acabado.  
Quando havia uma chance de felicidade.  
Mas eu não os quero de volta.  
Não com o fogo que sinto agora dentro de mim.  
Não, eu não os quero de volta.

Krapp imóvel olhando para a frente.  
A fita continua a rodar em silêncio.

SAMUEL BECKETT (2)

Eu ouvi!  
Eu ouvi o ensurdecido silêncio de Robert Wilson quando terminou a tempestade.  
Eu ouvi! Um silêncio imenso!

O silêncio de Roberto Wilson saiu de sua grande boca vermelha, cresceu... E ficou ali, parado no ar. Eu ouvi!

Era o começo de Krapp's Last Tape, de Samuel Beckett.

Não, aquilo não era teatro. Era uma instalação. Era arte plástica. Uma instalação para interromper o tempo, aprisioná-lo e recuperá-lo palimpsesticamente. Com um ser humano atemporal desvendando seu interior.

Samuel Beckett imaginou que seu texto seria sempre uma peça de teatro. Até que surgiu Robert Wilson. E criou um espaço desejável por Krapp/Beckett para aprisionar o tempo inaprisionável.

Bob Wilson escolheu uma sala/biblioteca/fitoteca do branco para o preto; pintou dentro da boca de vermelho; escolheu meias vermelhas; e comeu bananas amarelas.

Bob Wilson foi a Marcel Marceau e a Chaplin/Carlitos para parir Krapp. Ele pariu e se transfigurou na figura de Krapp. De repente, era apenas, tão somente, soberbamente Krapp e sua inútil tentativa de domar o tempo, de dar sentido ao tempo, de aprisionar o tempo, de se desfazer do tempo, de refazer o tempo. E o tempo lhe fugindo pelos silêncios.

Em cada gesto cuidadoso, sígnico, de Bob Wilson percebia-se uma fuga de tempo. Silenciosamente. Angustiosamente.

Bob Krapp Wilson Beckett deslocava-se entre móveis e silêncios. Enredado pelo tempo. Bob Krapp Wilson Beckett sentava-se à mesa. Enredado pelo tempo. E ouvia seus tempos de antanho. Enredado pelo tempo. Como se fosse um agora.

De repente, Bob Wilson/Krapp se agiganta. Toma conta do tempo e do espaço. E digladia com eles uma luta surda, urdida no silêncio, contida no branco/cinza/preto do plástico cubo/cenário.

As obras primas têm um estranho poder de nos mobilizar, de revolver entranhas, de ferver o sangue, de explodir o cérebro. Então, quando se está diante de duas obras primas, devidamente encapsuladas e lentamente detonadas, contidas num espaço e tempo, frequentados por um ser humano que se movimenta enclausuradamente, fobicamente, paranoicamente...

Então, tudo se transforma numa única obra-prima, uma instalação viva, porém, soturna, onde cada detalhe, móvel ou imóvel, significa. Sobretudo Robert Wilson, seus esganiçados gemidos/palavras, seus gestos ariscos e imediatamente estáticos, seus silêncios. E tudo remete para um absurdo. Temor.

Robert Samuel Wilson Becket Bob Krapp me convenceu de que em cada um de nós há uma inútil tentativa de vencer o tempo/Cronos. Tempo/Cronos invencível.

Então, é buscar um significado. Sem medo da morte. Sem medo da vida. Éter na mente.

Robert Wilson, com o mundo, comemorava 70 anos; a mesma idade que Krapp, solitariamente, memorava.

Mas, por que Robert Bob Wilson foi a Samuel Krapp Becket?

- 1) A ÚLTIMA GRAVAÇÃO DE KRAPP (Krapp's Last Tape), SESC Belenzinho/São Paulo/SP, 14/04/2012 a 20/04/2012.
- 2) BLOG DO BIASOLI / LITERATURA, MÚSICA, POESIA, POLÍTICA E MMA  
<http://blogdobiasoli.wordpress.com/2011/05/21/da-serie-meus-herois-samuel-beckett/>

**FERNANDO RIOS** É JORNALISTA, PUBLICITÁRIO, ANTROPÓLOGO, DESIGNER GRÁFICO, CONSULTOR EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL INTEGRADA, POETA E ARTISTA PLÁSTICO.